

Habitação (PLANHAB) - debatido durante quase dois anos pela sociedade civil -, Conselho das Cidades e autoridades públicas, para que seja um programa com participação popular e não com determinação vinda de cima pelas empreiteiras

e/ou pelo ramo da especulação imobiliária da construção civil.

***Geógrafo, professor do Departamento de Geografia e História da UFPI, Mestre em Desenvolvimento Urbano e Regional pela UFPE.**

ECONOMIA EM LETRAS

por José Ribamar Moreira Neto* e Mamadú M. Baldé**

Há alguns meses, tem-se comentado nas rodas de discussão sobre economia qual seria o real formato da curva da atividade econômica global nesse período de crise. Para alguns, o formato de tal curva seria parecido com um V; para outros, seria em forma de U. Pois bem, vamos aos fatos.

A atividade econômica global, no período anterior à crise, estava em ritmo acelerado. Víamos rápidos giros de estoques, mercado acionário em movimento altista interminável, contratos no mercado *spot* sendo negociados com um ágio elevado em relação a contratos de maior duração. Em meio a todo esse sonho de economia pujante, não se via nem sinal de uma reversão na próxima esquina, o trânsito estava livre, só bastando aos agentes apertar no acelerador mais e mais. Porém, havia uma enorme cratera se formando bem à nossa frente. Foi aí que veio o tombo e toda aquela riqueza até então criada perdeu valor em questão de meses. Não estávamos preparados.

Com a queda no ritmo da atividade econômica, começou a pipocar por todos os lados a dúvida de quem seria a culpa. Achados os culpados, os prognósticos agora se voltam para a análise de em quanto tempo sairemos desse atoleiro. Daí, surge a simbologia do V (rápida saída da crise) e do U (retomada do ritmo de atividade da economia de forma mais lenta).

O que o mercado parece ter precificado nos últimos meses é que a economia mundial retomará a trajetória do ritmo de crescimento antes do que dizem os analistas mais otimistas, ou seja, adotando a ideia do V. Esse movimento é corroborado pela observação de que, atualmente, tanto no mercado acionário quanto no de *commodities*, há um repique de grande intensidade aos patamares de preços testados nos momentos anteriores à crise financeira.

No entanto, fazendo uma análise da economia real, podemos observar que o cenário de conjuntura econômica mundial ainda não está muito claro,

tendo em vista que tanto os níveis de desemprego como os níveis de investimentos ainda permanecem empatamares considerados preocupantes.

É fato consumado que as bolsas costumam antecipar com muita antecedência as possíveis tendências futuras, mas é fundamental que o investidor não se deixe levar por um “comportamento de manada”, que seja crítico e realista para avaliar até que ponto essa retomada é, de fato, consistente.

Outro fator a ser avaliado é se as políticas econômicas expansionistas adotadas pelos governos ao redor do mundo não estariam contribuindo para esse movimento inflacionário de ativos financeiros que estamos observando neste primeiro semestre de 2009. Se isso realmente estiver acontecendo, então, a dita “mão invisível” do mercado, tantas vezes culpada nestes tempos de crise, encontrou o auxílio de outra “mão”, materializada (a do Estado), para se livrar das algemas que foram impostas a ela.

Quando essa possível nova bolha estourar, em um futuro não muito distante, a economia novamente entrará em um movimento declinante e a atividade econômica assumirá o formato de um W (outra letra!!!!).

É necessário ter em mente que da mesma forma como o mercado extrapolou todas as expectativas nos momentos de crise mais intensa, ele pode repetir esse comportamento não muito racional nesse momento de ânimo e recuperação da confiança dos agentes.

Agora, chega de U, V ou W. Vamos tocar o barco e buscar não repetir os erros do passado.

***Aluno do Curso de Ciências Econômicas/UFPI**

****Aluno do Curso de Ciências Econômicas/UFPI. De nacionalidade guineense (Guiné-Bissau), é beneficiado por convênio firmado entre o Brasil e países da América Latina, África e Caribe.**